



BOLETIM DE MERCADO DE CAPITAIS

NUPE - UNIFOR

Julho/2026 #5°



Universidade
de Fortaleza

BOLETIM DE MERCADO DE CAPITAIS

NUPE - UNIFOR

Julho/2026 #5º

Reitoria

Reitor Randal Martins Pompeu

Vice-reitoria de Graduação

Vice-reitora Katherine de Macêdo Maciel Mihaliuc

Diretora do Centro de Ciências da Comunicação e Gestão - CCG UNIFOR

Profa. Danielle Batista Coimbra

RESPONSÁVEIS TÉCNICOS

Prof. Felipe Albuquerque Sobral e Silva

Coordenador Curso de Economia UNIFOR

Prof. Allisson David de Oliveira Martins

Coordenador do Núcleo de Pesquisas Econômicas -
NUPE

Economista – Corecon-Ce n. 3221

CNPI – n. 9113

Prof. Luiz Fernando Gonçalves Viana

Economista - Corecon-Ce n. 2.718-9

CNPI-P – n. 8409

Prof. Ricardo Aquino Coimbra

Economista - Corecon-Ce n. 2575

CNPI-P – n. 9579

Alunos

Ana Lia Costa Carneiro - Ciências Econômicas

Antônio Ademar Vidal Martins - Ciências Econômicas

Guilherme Miranda Soares - Ciências Econômicas

José Wilker de Sousa Martins - Ciências Econômicas

Samuel Alesxandro A. Xavier - Ciências Econômicas



1. APRESENTAÇÃO

A Universidade de Fortaleza - Unifor, fiel à sua missão de “contribuir para o desenvolvimento humano por meio da formação de profissionais de excelência e da produção do conhecimento”, reafirma seu compromisso com a educação de qualidade e com a disseminação de informações relevantes para a sociedade. Reconhecida entre as melhores instituições de ensino superior do mundo, a Unifor avança mais uma etapa na área de estudos financeiros, ao apresentar um documento técnico fundamentado em análises criteriosas e metodologias consolidadas.

O Boletim de Mercado de Capitais é uma publicação que tem como propósito oferecer à comunidade acadêmica e à sociedade cearense uma visão abrangente e atualizada sobre os principais movimentos do mundo dos investimentos. Com foco nas dinâmicas globais, nacionais e, especialmente, no mercado financeiro cearense, o boletim é produzido pelos alunos do curso de Ciências Econômicas, sob orientação dos professores da área, como parte das atividades práticas de formação profissional.

Utilizando uma linguagem clara e acessível, o boletim busca democratizar o conhecimento financeiro, contribuindo para o desenvolvimento de uma cultura de investimentos mais consciente e crítica. A publicação analisa os principais indicadores de mercado, tendências econômicas, desempenho de ativos e os fatos que influenciam as decisões dos investidores, oferecendo apoio analítico para uma melhor compreensão do cenário atual e das perspectivas futuras.

Boa Leitura

2. MERCADO DE CAPITAIS INTERNACIONAL

O mês de julho de 2026 caracterizou-se por uma dupla dinâmica nos mercados financeiros globais: de um lado, uma temporada de resultados corporativos forte, sobretudo entre as grandes empresas de tecnologia, que reforçou o apetite por risco; de outro, uma acentuada rotação setorial dentro do próprio mercado acionário, com realização de lucros nos ativos de inteligência artificial e migração de capital para setores cíclicos e de valor. Somaram-se a esse quadro a manutenção de uma postura monetária restritiva pelo Federal Reserve, sob crescente dissenso interno, e a nova intensificação das tensões geopolíticas no Oriente Médio, que voltou a pressionar os preços do petróleo após a trégua parcial observada em junho.

O resultado foi um mês de desempenho heterogêneo, no qual índices de perfil mais diversificado renovaram máximas históricas enquanto os segmentos de tecnologia e semicondutores sofreram correções relevantes.

Nos Estados Unidos, a reunião do Federal Reserve realizada nos dias 28 e 29 de julho de 2026 manteve a taxa dos *fed funds* no intervalo de 3,50% a 3,75% ao ano, pela quinta reunião consecutiva, em linha com as expectativas do mercado. O principal destaque foi a divisão no Comitê, com a decisão aprovada por 9 votos a 3 — os três dissidentes (Beth Hammack, Neel Kashkari e Lorie Logan) defenderam elevação de 0,25 ponto percentual —, refletindo o debate entre a necessidade de conter uma inflação ainda acima da meta de 2% e os sinais de desaceleração da economia. O presidente Kevin Warsh reforçou que as próximas decisões continuarão sendo totalmente dependentes dos dados econômicos (*data dependence*), sem antecipar a trajetória da política monetária.

No campo inflacionário, o CPI de junho apresentou resultado melhor que o esperado, reforçando sinais de desaceleração da inflação nos Estados Unidos. O índice cheio recuou 0,4% no mês, revertendo a alta de 0,5% em maio, enquanto a inflação acumulada em 12 meses desacelerou de 4,2% para 3,5%. O principal fator foi a queda de 5,7% nos preços da energia — a maior retração mensal do grupo desde abril de 2020 —, refletindo o recuo das cotações do petróleo e do óleo combustível. O núcleo do CPI, indicador mais acompanhado pelo Federal Reserve, permaneceu estável (0,0%) no mês e desacelerou de 2,9% para 2,6% em 12 meses, indicando que as pressões inflacionárias permanecem concentradas no setor de energia. Apesar do resultado favorável, os dados não foram suficientes para alterar a postura cautelosa de parte do Fed, que continua monitorando a inflação antes de sinalizar mudanças na política monetária. No campo da atividade, a estimativa preliminar do PIB do segundo trimestre, divulgada em 30 de julho, apontou crescimento anualizado de 1,5%, abaixo do consenso de mercado (2,3%), reforçando os sinais de moderação da economia norte-americana.

Na Zona do Euro, o Banco Central Europeu (BCE), em reunião realizada em 23 de julho de 2026, optou por manter suas taxas básicas de juros inalteradas, após a elevação de 0,25 ponto percentual promovida em junho — a primeira alta de juros desde setembro de 2023 —, que levou a taxa de depósito a 2,25%. A decisão de pausa reflete a estratégia de avaliar os efeitos acumulados do aperto recente em um contexto de inflação ainda pressionada por fatores energéticos e geopolíticos. A presidente Christine Lagarde reiterou o discurso dependente de dados e sinalizou que uma nova elevação em setembro não está descartada, mantendo o viés de aperto sem, contudo, pré-comprometer um ritmo determinado. Do lado da atividade, o PIB da zona do euro surpreendeu positivamente, com crescimento de 0,4% no segundo trimestre ante o trimestre anterior, acima das expectativas (0,2%), enquanto a prévia da inflação de julho indicou aceleração para 2,9% em 12 meses (ante 2,8% em junho), com o núcleo em 2,5% — quadro que ajuda a explicar a disposição do BCE de manter a porta aberta para novas altas.

Na China, os indicadores de atividade reforçaram um cenário de crescimento moderado. O PMI Industrial (NBS) recuou de 50,3 em junho para 49,2 em julho – menor nível em cinco meses –, retornando à zona de contração e refletindo a desaceleração dos novos pedidos, inclusive externos, e os custos de insumos ainda elevados. O PMI não manufatureiro também caiu, de 50,2 para 49,0, indicando enfraquecimento da demanda doméstica e a continuidade dos impactos da crise no setor imobiliário, apesar das medidas de estímulo do governo. A alta dos custos de energia, decorrente das tensões no Oriente Médio, e a persistência das tensões tecnológicas entre Estados Unidos e China ampliam as incertezas sobre a atividade econômica e as cadeias globais de tecnologia.

Nos mercados financeiros internacionais, julho foi marcado por uma intensa rotação setorial. O Nasdaq recuou 3,20%, aos 25.374 pontos, refletindo a realização de lucros nas empresas ligadas à inteligência artificial após a forte valorização do segundo trimestre – movimento ainda mais acentuado no Nasdaq-100, que registrou seu pior mês desde março de 2025 –, em um contexto de pressão adicional dos juros longos americanos, com o rendimento do Treasury de 10 anos subindo 33 pontos-base, para 4,74%. Em contrapartida, o S&P 500 registrou leve queda de 0,13%, aos 7.490 pontos, sustentado por uma temporada de balanços sólida, na qual 86% das empresas superaram as expectativas de lucro, evidenciando a resiliência da atividade econômica e a capacidade das empresas de converter investimentos em inteligência artificial em resultados. Já o Dow Jones, índice de perfil mais diversificado, renovou máxima histórica no início do mês e encerrou julho em alta de 0,32%, aos 52.485 pontos. No mercado de commodities, o petróleo voltou a subir com força diante da nova escalada das tensões entre Estados Unidos e Irã: o WTI avançou 20,6% no mês, para US\$ 84,48, com o Brent encerrando julho em torno de US\$ 90 por barril. No mercado cambial, o índice do dólar (DXY) caiu 1,31%, encerrando o mês aos 99,8 pontos, novamente abaixo da marca dos 100, movimento associado à revisão das expectativas para a política monetária dos Estados Unidos e à redistribuição dos fluxos globais de capital em direção a ativos de maior risco.

Tabela 1 - Comportamento dos principais índices e ativos pelo mundo

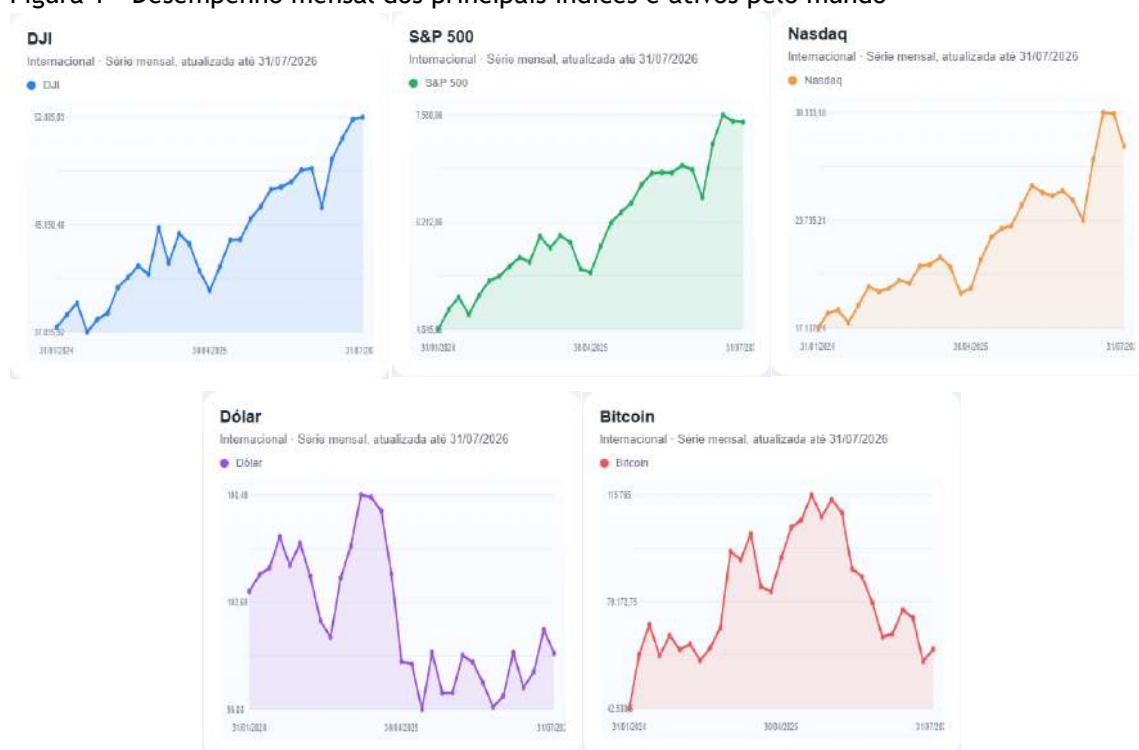
Índice/Ativo	País/ Mercado	Variação (%)		
		Mês	Ano	12 meses
DJI	EUA	0,3	9,2	18,9
S&P 500	EUA	-0,1	9,4	18,1
Nasdaq	EUA	-6,6	12,0	21,8
Dólar	Forex	-1,3	1,6	-0,1
Bitcoin	Investing.com	7,2	-28,2	-45,7

Fonte: Valor Data; Investing.com

Nota: Resultado observados até julho de 2026

Os índices acionários dos EUA mantêm trajetória positiva no acumulado, apesar de oscilações recentes, enquanto o dólar segue relativamente estável. Já o Bitcoin confirma seu perfil de risco elevado, com ganhos pontuais, mas quedas expressivas no horizonte mais longo.

Figura 1 - Desempenho mensal dos principais índices e ativos pelo mundo



Fonte: Investing.com

Nota: Desempenho até julho de 2026

3. MERCADO DE CAPITAIS NACIONAL

Em julho de 2026, o cenário econômico brasileiro foi marcado por um novo capítulo da disputa comercial com os Estados Unidos. Em 15 de julho, o governo norte-americano anunciou tarifa de 25% sobre produtos brasileiros, com base na Seção 301 da Lei de Comércio de 1974, sob a alegação de práticas comerciais desleais – com menções a temas como o Pix e o comércio digital, o etanol, a propriedade intelectual e o desmatamento –, com vigência a partir de 22 de julho. A medida veio na esteira da decisão da Suprema Corte dos EUA que, em fevereiro, derrubara as tarifas anteriores, substituindo a tarifa provisória de 10% instituída desde então. A ampla lista de exceções – que inclui itens como café, carnes, suco de laranja, cacau, minérios, celulose, petróleo e aeronaves civis, poupando cerca de dois terços das exportações brasileiras aos EUA, e que foi ampliada no fim do mês – reduziu significativamente o impacto esperado, favorecendo a recuperação dos mercados domésticos na segunda quinzena, ainda que permaneça no radar a ameaça de tarifas adicionais em investigação paralela.

O mercado de trabalho brasileiro manteve desempenho robusto. Segundo a PNAD Contínua, divulgada pelo IBGE em 30 de julho de 2026, a taxa de desocupação recuou para 5,4% no trimestre encerrado em junho de 2026, ante 6,1% no trimestre encerrado em março e 5,8% no mesmo período de 2025, alcançando o menor patamar da série histórica para o período. O número de desempregados caiu para 5,9 milhões de pessoas, enquanto a população ocupada atingiu 103,1 milhões, com nível de ocupação de 58,8%. A expansão do emprego concentrou-se nos setores de transporte e armazenagem e administração pública, saúde e educação, evidenciando a continuidade da força do mercado de trabalho brasileiro.

Na política monetária, julho foi um mês sem reunião do Copom, de modo que a Selic permaneceu em 14,25% ao ano. Contudo, a próxima decisão ocorreu apenas na reunião de 4 e 5 de agosto, a qual reduziu a Selic para 14,00% ao ano. O IPCA cheio de junho, divulgado em 10 de julho, subiu 0,16%, bem abaixo do consenso de mercado (cerca de 0,3%) e da variação de maio (0,58%), levando o acumulado em 12 meses a recuar de 4,72% para 4,64%. Já o IPCA-15 de julho, divulgado em 28 de julho, registrou alta de apenas 0,06%, forte desaceleração ante junho (0,41%), com o índice acumulando 3,51% no ano e 4,52% em 12 meses, abaixo dos 4,80% dos doze meses anteriores, sinal de arrefecimento na margem. Persiste, todavia, a tensão entre a desaceleração corrente e as projeções prospectivas: no Relatório de Política Monetária de junho, o próprio Banco Central elevou sua projeção de IPCA para 2026 a 5,2%, acima do teto da meta (4,5%), num cenário que descreveu como de expectativas desancoradas e projeções de inflação elevadas — ainda que a mediana do Boletim Focus para o IPCA de 2026 tenha recuado ao longo do mês, encerrando julho em 5,03%. Esse é o dilema central da condução monetária no segundo semestre: dar sequência à flexibilização dos juros sem comprometer a credibilidade do regime de metas.

Nos mercados financeiros domésticos, o Ibovespa encerrou o mês em alta de 3,47%, aos 177.999 pontos, atingindo o maior fechamento desde meados de maio e interrompendo uma sequência de quatro meses consecutivos de perdas. Com o desempenho, o índice ampliou sua valorização acumulada no ano para 10,47%, mantendo-se entre as aplicações financeiras mais rentáveis de 2026, sustentado pela temporada de balanços do segundo trimestre e pelo retorno do capital externo. No plano corporativo, o destaque do fim do mês foi o anúncio, em 31 de julho, da oferta pública de permuta do Santander espanhol, de até R\$ 11 bilhões, para o fechamento de capital do Santander Brasil na B3.

No mercado cambial, o real apresentou apreciação relevante: o dólar encerrou julho cotado a R\$ 5,07, com queda de aproximadamente 1,82% no mês, interrompendo dois meses consecutivos de valorização da moeda americana. O movimento foi sustentado pelo diferencial de juros ainda expressivo, pela recuperação do apetite global por risco e pelo retorno do fluxo estrangeiro à B3 — saldo positivo de R\$ 3,3 bilhões em julho, após dois meses de saídas —, fatores que se sobrepuseram, ao longo do mês, à incerteza gerada pelo choque tarifário.

Tabela 2 - Comportamento dos principais índices no Brasil

Índice	Variação (%)		
	Mês	Ano	12 meses
IBOV	3,5	10,5	33,8
IFIX	-0,3	1,1	11,1
IEE	-0,5	3,5	31,8
SMLL	-0,8	-5,3	4,5
ISE	1,3	2,2	18,8

Fonte: Valor Data; Investing.com
Nota: Desempenho em julho de 2026

Os índices brasileiros mostram uma dinâmica marcada por contrastes. O IBOV lidera com forte valorização, refletindo confiança nas grandes empresas, enquanto o IEE também se destaca pelo desempenho sólido do setor de energia. O ISE confirma o avanço das companhias sustentáveis, reforçando a relevância da pauta ESG. Já o IFIX segue estável, com ganhos moderados típicos de ativos defensivos. Em contrapartida, o SMLL evidencia fragilidade das *small caps*, com quedas recentes e apenas leve recuperação no longo prazo. No conjunto, o mercado privilegia ativos de maior porte e setores estratégicos, enquanto segmentos menores enfrentam maior volatilidade e dificuldade de atrair capital. Em resumo, o cenário atual combina ajustes de curto prazo com uma tendência positiva de longo prazo, especialmente nos setores de energia e sustentabilidade.

Figura 2 - Desempenho mensal dos principais índices e ativos brasileiros



Fonte: Investing.com

Nota: Desempenho até julho de 2026

Tabela 3 - Melhor desempenho no Ibovespa

Ação	Ticker	Variação (%)	Preço (R\$)
CSN Mineração	CMIN3	37,9	5,71
Ultrapar	UGPA3	26,9	33,04
Vibra Energia	VBBR3	22,3	36,04
Vamos	VAMO3	21,5	3,34
Gerdau	GGBR4	19,6	24,98

Fonte: Infomoney.com

Nota: Desempenho em julho de 2026

O destaque fica para empresas ligadas a commodities e energia, que puxaram o desempenho positivo, enquanto setores de logística e siderurgia também mostraram força. Esse conjunto evidencia que o Ibovespa tem sido impulsionado por companhias estratégicas e resilientes, capazes de sustentar altas expressivas mesmo em cenários de volatilidade.

Tabela 4 - Pior desempenho no Ibovespa

Ação	Ticker	Variação (%)	Preço (R\$)
Direcional	DIRR3	-18,2	11,35
Usiminas	USIM5	-14,4	7,36
Cury	CURY3	-13,5	30,09
C&A	CEAB3	-12,3	9,44
TIM	TIMS3	-12,2	19,43

Fonte: Infomoney.com

Nota: Desempenho em julho de 2026

Os piores desempenhos concentram-se em setores como construção civil, siderurgia, varejo e telecomunicações, que enfrentaram maior pressão no período. Enquanto empresas ligadas a commodities e energia puxaram os ganhos do Ibovespa, esses segmentos mais sensíveis à conjuntura econômica e ao consumo mostraram fragilidade, resultando em quedas expressivas. Isso evidencia a disparidade entre setores estratégicos e aqueles mais expostos às oscilações de demanda e custos.

Ativo do mês: Banco do Nordeste (BNBR3)

4.1. Análise fundamentalista

Quadro 5 - Indicadores fundamentalistas

Indicador	Resultado
Índice P / L	3,48
Índice P / VP	0,68
Dividend Yield D.Y	6,16

Fonte: Status Invest

Nota: Desempenho em julho de 2026

A Análise dos fundamentos do BNBR3 (Banco do Nordeste do Brasil S.A.) apresenta uma instituição financeira consolidada, com forte atuação no desenvolvimento econômico da região Nordeste e participação relevante no crédito direcionado, especialmente para pequenas, médias, grandes empresas e o setor rural. Possui uma posição estratégica, operando com recursos de fundos constitucionais

O índice P/L de 3,48 indica que o investidor adquire a ação por aproximadamente três anos e meio de lucro da companhia. Trata-se de um patamar bastante baixo quando comparado ao mercado acionário brasileiro e ao próprio setor bancário, sugerindo que o papel está negociado com desconto em relação à sua capacidade de geração de lucros. Esse múltiplo pode representar uma oportunidade para investidores que buscam empresas rentáveis a preços atrativos.

O P/VP de 0,68 demonstra que as ações estão sendo negociadas por apenas 68% do valor patrimonial do banco. Em outras palavras, o mercado atribui à companhia um valor inferior ao patrimônio líquido registrado em seus balanços. Esse tipo de precificação costuma indicar uma margem de segurança para o investidor, especialmente quando a empresa mantém resultados consistentes e boa capacidade de geração de lucro, podendo representar uma oportunidade caso o mercado passe a reconhecer melhor seu valor.

Em relação à remuneração dos acionistas, o *Dividend Yield* de 6,16% pode ser considerado atrativo para os padrões do mercado brasileiro, embora normal para o setor bancário. Esse percentual demonstra que a companhia distribui uma parcela relevante de seus resultados na forma de dividendos, tornando o ativo interessante para investidores que buscam geração de renda passiva, além do potencial de valorização das ações.

O Banco do Nordeste possui um modelo de negócios diferenciado dentro do sistema financeiro nacional, desempenhando papel relevante no financiamento do desenvolvimento regional. Sua atuação é fortemente apoiada por políticas públicas e pela administração do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE), proporcionando receitas recorrentes e uma posição consolidada no mercado. Dessa forma, os múltiplos observados sugerem uma companhia negociada a preços descontados, com elevada capacidade de geração de lucros e distribuição consistente de dividendos, configurando um conjunto de fundamentos favorável sob a ótica do investimento de longo prazo.

4.2. Análise técnica

Figura 3 - Gráfico semanal Banco do Nordeste (BNBR3)



Fonte: Tradingview.com

Nota: análise de 31/07/26

Após um período de consolidação entre 2021 e 2022, as ações do Banco do Nordeste (BNBR3) passaram a desenvolver uma consistente tendência de alta a partir de 2023, formando uma estrutura de topos e fundos ascendentes. Esse movimento ganhou força ao longo de 2024, levando o ativo a testar a região superior de um amplo canal de alta de longo prazo (linhas amarelas), onde passou a encontrar maior pressão vendedora. No primeiro semestre de 2026, o papel voltou a renovar máximas, atingindo níveis próximos de R\$ 125,00, mas novamente encontrou dificuldade para superar a resistência dinâmica representada pelo topo do canal.

Após esse teste da região de resistência, o ativo passou por uma realização de lucros, recuando para a faixa entre R\$ 108,00 e R\$ 112,00, onde encontrou suporte comprador. Nas últimas semanas, observou-se uma reação positiva, com os preços retornando para a região de R\$ 116,00, indicando que a estrutura principal de alta permanece preservada. Enquanto as cotações permanecerem acima da faixa de R\$ 108,00, o cenário técnico continua favorável para novas tentativas de avanço em direção ao topo do canal, atualmente localizado entre R\$ 132,00 e R\$ 135,00.

Por outro lado, caso o ativo volte a perder a região de R\$ 108,00, aumentará a probabilidade de aprofundamento do movimento corretivo. Nesse cenário, o próximo suporte relevante encontra-se na base do canal de alta, atualmente situada entre R\$ 100,00 e R\$ 103,00. A perda consistente dessa região representaria uma deterioração importante da estrutura de longo prazo, abrindo espaço para correções mais amplas.

No campo dos indicadores, o IFR (Índice de Força Relativa) voltou a reagir após recuar para níveis próximos da região de sobrevenda relativa, encontrando-se novamente acima da linha dos 50 pontos. Esse comportamento demonstra recuperação do impulso comprador após a correção observada durante o mês de julho e sugere melhora gradual do momento do ativo. Apesar disso, o indicador ainda permanece distante da região de sobrecompra, indicando que existe espaço para continuidade do movimento de alta caso o fluxo comprador seja mantido.

Já o HMACD apresenta sinais de estabilização após a fase corretiva mais recente. Embora o histograma ainda permaneça próximo da linha neutra, observa-se redução da pressão vendedora e início de recuperação do indicador, sugerindo possível retomada do momentum

positivo. A confirmação desse cenário dependerá da continuidade do aumento das barras do histograma e do fortalecimento da inclinação das médias do MACD nas próximas semanas.

5. Síntese

Os dados evidenciam um cenário internacional e doméstico marcado por tensões e contrastes. No plano externo, os mercados financeiros oscilaram entre o otimismo derivado de resultados corporativos robustos, sobretudo no setor de tecnologia, e a correção nos ativos ligados à inteligência artificial, em meio à manutenção de uma política monetária restritiva pelo Federal Reserve e à intensificação das tensões geopolíticas no Oriente Médio. Nos Estados Unidos, a inflação apresentou sinais de desaceleração, mas o crescimento econômico ficou aquém das expectativas, reforçando a percepção de moderação da atividade. Na Europa, o Banco Central Europeu manteve os juros após a alta de junho, diante de inflação ainda pressionada e crescimento acima do previsto. Já na China, os indicadores de atividade recuaram, refletindo fragilidade da demanda interna e os efeitos persistentes da crise imobiliária.

No contexto brasileiro, o mês foi marcado pela imposição de tarifas norte-americanas sobre determinados produtos nacionais, embora com exceções que mitigaram os impactos imediatos. O mercado de trabalho manteve trajetória positiva, com a taxa de desemprego atingindo o menor patamar histórico para o período. A inflação mostrou sinais de arrefecimento, mas as projeções futuras ainda preocupam, mantendo o Banco Central em posição cautelosa quanto à condução da política monetária. O Ibovespa encerrou julho em alta, acumulando ganhos expressivos no ano, sustentado pela temporada de balanços e pelo retorno do capital estrangeiro. O real também se valorizou frente ao dólar, favorecido pelo diferencial de juros e pelo maior apetite global por risco.

Entre os índices nacionais, o Ibovespa e o IEE se destacaram pela valorização consistente, enquanto o ISE reforçou a tendência de valorização de empresas alinhadas às práticas sustentáveis. O IFIX manteve estabilidade, típico de ativos defensivos, e o SMLL evidenciou maior vulnerabilidade das *small caps*. No plano corporativo, os melhores desempenhos foram registrados por companhias ligadas a commodities, energia e logística, como CSN Mineração e Ultrapar, enquanto os piores resultados concentraram-se em setores mais sensíveis à conjuntura econômica, como construção civil, siderurgia, varejo e telecomunicações.

O ativo do mês, Banco do Nordeste (BNBR3), apresentou fundamentos sólidos e atrativos: múltiplos baixos (P/L de 3,48 e P/VP de 0,68) e *Dividend Yield* de 6,16%, sugerindo desconto de mercado e boa capacidade de geração de lucros e dividendos. A análise técnica reforça a tendência de alta, com suportes e resistências bem definidos e indicadores apontando recuperação do impulso comprador.

Em síntese, julho de 2026 configurou-se como um período de ajustes e contrastes, no qual os mercados globais oscilaram entre otimismo corporativo e pressões geopolíticas, enquanto o Brasil demonstrou resiliência, com destaque para o desempenho do Ibovespa e para ativos estratégicos. O Banco do Nordeste desponta como oportunidade de investimento de longo prazo, combinando fundamentos atrativos e perspectiva técnica positiva, em um ambiente que privilegia empresas sólidas e setores estratégicos frente às incertezas econômicas.

Disclaimer

O conteúdo apresentado neste material é de caráter estritamente educacional e visa fornecer informações que auxiliem a compreensão dos temas discutidos. A (Universidade de Fortaleza - Unifor), não garante que os dados fornecidos sejam totalmente isentos de distorções e não se compromete com a veracidade ou integridade dessas informações. Não garantimos qualquer tipo de lucro, nem nos responsabilizamos por decisões de investimentos que venham a ser tomadas com base no conteúdo divulgado.

- Este material não deve ser interpretado como recomendação, oferta ou solicitação de compra ou venda de quaisquer títulos, valores mobiliários ou outros instrumentos financeiros.
- Investimentos nos mercados financeiros e de capitais envolvem riscos, incluindo a possibilidade de perdas superiores ao capital investido.
- Rentabilidade passada não é garantia de resultados futuros.
- As informações contidas aqui baseiam-se em simulações, e os resultados reais poderão divergir significativamente.
- A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos.

